

UMA CONTRIBUIÇÃO DA EPIGRAFIA PARA O ESTUDO DA AÇÃO MÁGICA: AS *TABELLAE DEFIXIONUM**

Maria Luiza Corassin**

CORASSIN, M.L. Uma contribuição da epigrafia para o estudo da ação mágica: as *tabellae defixionum*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 223-231, 1996.

RESUMO: Este artigo estuda inscrições latinas denominadas *tabellae defixionum* no mundo romano antigo. Historiadores como Lívio e Tácito mencionam rituais de maldição e as fontes epigráficas demonstram sua difusão em diferentes níveis sociais.

UNITERMOS: Inscrições latinas – *Tabellae defixionum* – Sociedade romana – Magia.

Na Antigüidade, uma das práticas mágicas mais comuns consistia em devotar às divindades infernais um adversário ou inimigo, escrevendo seu nome acompanhado de fórmulas imprecatórias sobre uma tableta, que a seguir era enterrada. Acreditava-se que esta mensagem dirigida aos habitantes das regiões subterrâneas paralizava os inimigos, colocando-os fora de condições de provocar aborrecimentos. Muitas destas pequenas inscrições foram recuperadas e são conhecidas em epigrafia com o nome de *tabellae defixionum*.

Em várias partes do mundo antigo foram encontradas estas epígrafes, sendo conhecidas mais de quinhentas. Em 1904, Auguste Audollent publicou sua tese de doutorado, uma obra que até hoje é fundamental: *Defixionum tabellae quotquot innotuerunt* (Paris: Albert Fontemoing) reunindo o material até então disponível. Em periódicos especializados foram publicadas as descobertas posterior-

res, mas sem alterações significativas no que já era conhecido. Na década de 90 a leitura deste material epigráfico está sendo retomada.¹

As inscrições mais antigas datam do final do século V a.C. Sob o império romano tornam-se mais numerosas. Com raras exceções, o material utilizado como suporte para elas foi o chumbo. Alguns autores levantaram conjecturas a este respeito, imaginando que a natureza deste metal, considerado na Antigüidade como frio, vil, dedicado a Saturno, divindade hostil aos homens, seria a razão do seu uso, contribuindo para aumentar o efeito pernicioso do malefício. Um outro motivo talvez seja mais provável: o chumbo era um metal barato e fácil de ser gravado, com a vantagem adicional de que uma lâmina de chumbo, sendo maleável, podia ser dobrada ou enrolada de modo a ocupar pouco espaço e ser introduzida em locais considerados como adequados para entrar em contacto com o outro mundo.

(*) Este trabalho foi apresentado como seminário no MAE, em abril de 1992, dentro das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho “Os Sentidos do Apotropaico”, sob a coordenação da Profa. Dra. Haiganuch Sarian.

(**) Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(1) Annequin em “*Recherches sur l'action magique et ses représentations*” considerava “inútil estudá-las uma a uma” (p. 65). Já Fritz Graf em “*La magia nel mondo antico*”, de 1995, reserva todo um capítulo (p. 115-168) para “*Defixiones e immagini di maledizione*”.

A maioria das tabletas foram encontradas em sepulturas e urnas funerárias, algumas sob a forma de *volumen*; eram introduzidas às ocultas, provavelmente à noite, nestes esconderijos onde acreditava-se que entrariam em contacto com os manes dos mortos. Elas não tinham nenhuma outra relação com as pessoas ali sepultadas, pois não diziam respeito ao defunto. Às vezes foram introduzidas até atingir a superfície de uma urna cinerária através do orifício destinado às libações existente no cipo de pedra que a protegia (Lafaye s/d: 4).

Outras vezes foram pregadas contra uma das paredes da sepultura, tendo sido encontrado o prego juntamente com a folha de metal. Este prego, o *clavus*, talvez desempenhasse um papel importante na cerimônia da *defixio*, pois ele ocasionalmente acompanha as tabletas que foram dobradas ou enroladas, sem que tenham sido pregadas. Considerava-se que o *clavus* continha propriedades mágicas, transpassando o adversário e mantendo-o imobilizado.

As *tabellae* foram colocadas também em locais como templos, especialmente aqueles dedicados aos deuses infernais, como as encontradas em Cnido no *temeno* de Ceres. Outros pontos privilegiados eram os poços e fontes termais, sobretudo aqueles que exalavam vapores sulfurosos, como os de Arécio na Itália. Eram ainda lançadas em rios ou no mar, sendo confiadas aos manes dos afogados e dos que pereceram em naufrágios.

Quanto à língua, a maioria das tabletas foram redigidas em grego, sendo seguidas em número pelas escritas em latim ou numa mistura de grego e latim, ocorrendo mesmo o caso de textos em língua latina escritos com letras gregas. Em número muito reduzido aparecem aquelas escritas em etrusco, osco, céltico e púnico.

Podemos considerar as *defixiones* como uma forma especial de *devotio*, por intermédio da qual pessoas ou objetos eram entregues aos deuses infernais expressamente nomeados, sem que o autor deste voto executasse pessoalmente o sacrifício das vítimas consagradas. As divindades subterrâneas eram intimadas a agir, isto é, a destruir aquilo que lhes era oferecido pela *devotio*. Os deuses infernais se apossavam das vítimas humanas que lhes eram abandonadas pelo ofertante, justamente porque este não estava em condições de destruí-las por si mesmo.

A *devotio* podia ser uma arma utilizada pelos magistrados romanos como um instrumento sobre-

natural voltado contra o inimigo em casos de perigo extremo. Bouché-Leclercq no verbete sobre “*Devotio*” no *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines* menciona um exemplo impressionante relatado por Tito Lívio (VIII, 9) em que o cônsul Décio, durante um combate no qual os romanos estavam recuando, pediu ao pontífice que lhe ensinasse as palavras que deveria pronunciar:

O pontífice ordenou-lhe que vestisse a toga pretexta, e com a cabeça velada, a mão saindo debaixo da toga e levantada até o queixo, os pés sobre um dardo estendido no chão, dissesse: “Jano, Júpiter e Marte, pai dos romanos; Quirino, Belona e Lares, divindades Novensiles, deuses Indígetes, deuses que tendes em vossas mãos a sorte dos romanos e a de seus inimigos, e vós, deuses Manes, eu vos conjuro, eu vos suplico respeitosamente, vos peço a graça e nela confio, de que concedais força e vitória ao povo romano dos quirites, e insinueis nos inimigos do povo romano dos quirites o terror, o pânico e a morte. Como declarei por minhas palavras, sacrifico-me pela República, pelo exército, pelas legiões, pelas tropas auxiliares e ofereço juntamente comigo as legiões e as tropas auxiliares do inimigo aos deuses Manes e à Terra”.

Tito Lívio compara o cônsul a “um ente sobre-humano enviado do céu para expiar a cólera dos deuses, libertar seu povo de um flagelo e fazê-lo recair sobre o inimigo”. O autor da *devotio* age para desviar o mal, a inveja das potências sobrenaturais. O sacrifício de Décio pelo seu exército se completa quando ele cai transpassado pelos dardos; o inimigo em seguida debandou tomado de pânico e os romanos recomeçaram a luta com vigor renovado. A vitória foi obtida não só pela habilidade e coragem do outro cônsul, colega de Décio, mas também pela ação deste, ao atrair sobre si todas as ameaças e a cólera dos deuses celestes e infernais.

Ainda é em Lívio (VIII, 10-11) que encontramos um detalhado registro desta antiga tradição romana:

Devo explicar que um cônsul, um ditador ou um pretor, quando dedica as legiões inimigas aos deuses, não é obrigado a sacrificar-se a si próprio, podendo escolher livremente qualquer outro cidadão, desde que pertença a uma legião romana. Se o homem escolhido morre,

considera-se o sacrifício completamente consumado. Mas se ele sobrevive, sepulta-se então uma estátua de sete ou mais pés de altura e sacrifica-se uma vítima expiatória. O magistrado romano não pode, sem cometer sacrilégio, pisar no local onde é enterrada a estátua. Se o chefe quer sacrificar-se a si mesmo, como fez Décio, e não morre, qualquer ato religioso, público ou particular, realizado por ele será considerado impuro, seja o sacrifício de uma vítima, seja outro qualquer. Aquela que se sacrifica tem o direito de consagrar suas armas a Vulcano ou a outra divindade. O dardo sobre o qual o cônsul pisou durante sua prece não deve cair nunca em poder do inimigo. Mas se tal acontecer oferece-se um suovetaurílio em expiação a Marte. Embora haja desaparecido a lembrança de nossos costumes civis e religiosos, pela preferência outorgada aos costumes novos e estrangeiros em detrimento das velhas instituições ancestrais, julguei que não me afastaria do tema de minha obra ao mencionar essas tradições nos próprios termos em que nos foram transmitidas e enunciadas.

Este relato é importante para a compreensão do mecanismo da *devotio*; neste caso, tratou-se de uma cerimônia pública, oficial, realizada pelo magistrado superior em comando, sob a orientação do pontífice. Embora sejam invocados os deuses superiores, a imprecação termina com a menção aos Manes e à Terra, sendo-lhes oferecidas as vítimas. Se as divindades as aceitam, atendem à solicitação.

Audollent considera que a *defixio*, ao contrário do caso relatado acima, constituía uma cerimônia secreta, ilegal, realizada por iniciativa de particulares (Annequin 1973: 77). Em Tácito (Anais, II, 69, 3) encontramos um exemplo clássico, com a descrição da morte de Germânico:

A terrível violência da doença aumentava com a convicção (de Germânico) de que havia sido envenenado por Pisão; foram encontrados, extraídos do solo e das paredes, restos de corpos humanos, fórmulas de invocação e o nome de Germânico inscrito em tabletas de chumbo, ossos semi-cremados e cobertos de sangue pútrido e outros encantamentos com os quais se acredita ser possível consagrar as almas às forças infernais. Ao mesmo tempo acusavam-se

alguns emissários de Pisão de terem vindo sondar o agravamento da doença.²

Tácito menciona expressamente "*plumbeis tabulis insculptum*" cujo uso era considerado crime passível de acusação formal, como é referido mais adiante, quando Pisão, seguro de sua força militar, faz motejo sobre a possibilidade de ter de comparecer a Roma para defender-se, afirmando que iria quando o pretor encarregado de fazer o inquérito por venefício fixasse a data do processo (*Ann.* II, 79, 1). Finalmente a acusação foi levada perante o Senado: "denunciaram que Pisão, impelido pelo ódio contra Germânico e por desejar uma revolução, havia corrompido o exército, permitindo abusos e injúrias contra os aliados, a ponto de fazer-se chamar pela pior parte do exército de "pai das legiões"; ao invés, contra os melhores, sobretudo contra os companheiros e amigos de Germânico, havia praticado crueldades; finalmente havia eliminado o próprio Germânico com sortilégios e veneno; ele mesmo e Plancina executaram sacrifícios e imolações ímpias. Havia tomado armas contra o Estado, de modo que para trazê-lo a juízo fora necessário vencê-lo em batalha" (*Ann.* III, 13, 2). O caso alcançou grande repercussão, tendo o povo se concentrado diante da Cúria onde o Senado estava reunido, gritando que não poupariam Pisão mesmo se os senadores o absolvessem. Sem apoio de ninguém, abandonado até pela esposa Plancina, Pisão preferiu suicidar-se (III, 14, 4; 15, 3).

Outro caso envolvendo a prática de *devotiones* é descrito em *Ann.* IV, 52, 1:

Em Roma a família imperial foi abalada, uma vez que para iniciar a série de futuras insídias contra Agripina, a prima dela, Cláudia Pulcra, foi processada por denúncia de Domício Afro. Este, pouco estimado, tendo deixado há pouco o cargo de pretor, buscando tornar-se famoso rapidamente por qualquer meio, acusou Cláudia Pulcra de devassidão, de adultério com Fúrnio e de venefícios e sortilégios contra o príncipe.

(2) O texto em latim permite verificar a terminologia empregada por Tácito: *Saevam vim morbi augebat persuasio veneni a Pisoni accepti; et reperiebantur solo ac parietibus erutae humanorum corporum reliquiae, carmina et devotiones et nomen Germanici plumbeis tabulis insculptum, semusti cineres ac tabo obliti aliaque malefica, quis creditur animas numinibus infernis sacrari.*

Deste vez o caso também conclui-se tragicamente: “Pulcra e Fúrnio foram condenados” (IV, 52, 3).

Estes dois episódios ocorreram durante o reinado do imperador Tibério. Já na época de Cláudio, Tácito registra um novo processo; desta feita, é Agripina, esposa do imperador Cláudio e filha da outra Agripina mencionada acima, que acusa sua prima Lépidia, com quem rivalizava especialmente na influência sobre o jovem Nero, de praticar *devotiones* (Ann. XII, 65, 1):

Foram feitas a Lépidia acusações de outro gênero: era acusada de ter com sortilégios urdido insídias contra a mulher do príncipe e de perturbar a paz na Itália pouco controlando a massa de seus escravos na Calábria. Por esta acusação foi condenada à morte.

Estes testemunhos transmitidos por um historiador como Tácito são preciosos pois comprovam a crença em *devotiones*, ou pelo menos o perigo de uma acusação de seu uso, em ambientes da alta aristocracia. Os envolvidos eram indivíduos próximos ao imperador, julgados legalmente por crime passível de pena capital contra o príncipe ou seus familiares.

As referências de Lívio e Tácito fornecem dados insubstituíveis para o conhecimento desta prática mágica que, no entanto, deixou outro tipo de documentação: as numerosas inscrições disseminadas por várias partes do mundo romano. Estas *tabellae defixionum* nos revelam um outro universo: o das pessoas comuns, envolvidas em problemas e dramas que permaneceram distantes do registro da historiografia. Imersos na obscuridade, não fazem parte do mundo retratado pela literatura, embora alguns autores, como Apuleio possam ser úteis para o conhecimento da magia no mundo antigo.

A leitura do documento epigráfico apresenta uma qualidade diferente: as *tabellae defixionis* são testemunhos que abrem uma comunicação direta com personagens ignorados pelos escritores. Sem arriscar interpretações “psicológicas” é inegável que elas revelam sentimentos básicos do homem, tais como o ódio, o amor, o medo, a ira. Um elemento comum a elas é a presença de uma situação de conflito, em que a insegurança gerada pela expectativa de resultados provoca o apelo ao sobrenatural. O fundamento destas práticas de *devotio* e *defixio* é a crença na intervenção de divindades e

espíritos para a obtenção de um resultado favorável ao invocador.³

Este trabalho consiste no levantamento de epígrafes latinas disponíveis nas *Inscriptiones Latinae Selectae* (ILS) de Dessau, no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL) e na própria obra de Audollent já citada. Foi selecionado um *corpus* documental com inscrições cuja leitura permite evidenciar o conteúdo da fórmula imprecatória. Escrita sobre uma das faces da tableta, embora por vezes possa ocupar ambos os lados, esta fórmula de maldição apresenta extensão variada e é dirigida contra um ou vários indivíduos que por alguma razão são considerados inimigos. Basicamente seus componentes são:

1. O nome do destinatário da *defixio*, o que em magia significa a própria pessoa. Por motivo de maior clareza e precisão, a fim de evitar confusão com homônimos, podia ser acompanhado pelo nome do cônjuge ou com mais frequência pelo nome da mãe (o do pai podia ser duvidoso). Por vezes era incluída a profissão e o local de residência da vítima: *qui manet in regione nona*, isto é, que vive na nona região de Roma, a do Circo Flamínio (ILS 8750). Numa das inscrições, contra *Naevia Secunda*, foi acrescentado *seive ea alio nomine est*.
2. Um ou vários verbos indicando a ação da maldição. Os verbos por si mesmos continham a energia, a força para arruinar o inimigo pelas artes mágicas, entregando-o em poder das divindades para imobilizá-lo. Em latim usava-se o verbo *defigere*, daí a expressão *defixiones*. Entre as acepções registradas pelo dicionário encontramos “espetar” (de cima para baixo); “pregar”; no sentido figurado significa “atar, prender, tornar imóvel”; tem ainda o significado de “amaldiçoar, encantar”. O uso do *clavum*, o prego de bronze ou ferro para furar a lâmina de chumbo nos esclarece na compreensão do que se esperava da ação mágica executada. O indivíduo consagrado – *devotum* – era entregue nas mãos dos deuses das regiões infernais; daí serem encontrados ainda nas inscrições os verbos *commendare*, *dedicare*, *deferre*, *demandare*, *tradere*. Também *devovere*, *desacrificare*, *denuntiare* eram empregados. Para chamar os *numina* em auxílio as tabletas registram *adiurare*, *excitare*, *precari*, *rogare*.

(3) Graf (1995: 149) ressalta que a *defixio* não é um ato de vingança que acompanha a derrota, mas um meio que visa influir no desenvolvimento da competição (p. 149).

O uso do subjuntivo acompanhado de *ut* era freqüente: *collidas, crucies, occidas, relinquis*. O imperativo também era usado: *exterminate, occide, peroccide, vulnerate*. Outros verbos expressam o que se espera que ocorra com a vítima, como *interemates, interficiates, obliga*.

3. O nome da divindade ao qual o amaldiçoado era entregue. Frequentemente eram invocados Plutão, Prosérpina, a Terra e de modo geral as divindades das regiões infernais e seus auxiliares (*dii inferi, dii manes, dii parentes*). Principalmente na época do Império aparecem os nomes de divindades do Oriente e certos *daemones* cujas atribuições e mesmo os nomes nos são desconhecidos. Também os Manes eram invocados, especialmente daqueles que pereceram de morte violenta, prematura e dos *insepulti*, pois eram considerados particularmente perigosos para os vivos.

4. Em algumas constava um elenco de todas as partes do corpo que deviam ser atingidas (cf. ILS 8751 e CIL X, 8249).

5. Complementos como palavras mágicas, signos cabalísticos, vogais gregas enfileiradas em determinada ordem.

6. Algumas eram acrescidas de sinais, símbolos ou um esboço de retrato da pessoa visada, a qual também podia ser representada à parte por figurinhas (*sigilla*).

Os motivos da *defixio* nem sempre são mencionados, mas quando isto ocorre é possível enquadrá-la numa das quatro categorias (Lafaye: 4) definidas por Audollent:

1. Judiciárias, contra adversários envolvidos numa causa em julgamento. Podem ser dirigidas também contra os advogados ou as testemunhas. Tendo como alvo um indivíduo envolvido num processo em andamento, elas têm como objetivo fazê-lo perder a causa. Geralmente contêm expressões do tipo: “para que não possam dizer nada contra mim”; “fiquem mudos e não possam responder”; “que os advogados não possam responder”; “que os adversários não possam falar”

2. Contra ladrões e caluniadores. Naquelas dirigidas contra um ladrão de quem se deseja obter a restituição do objeto ou valor roubado aparecem expressões como “contra quem nega ter recebido vinte denários em depósito”, “para reaver o bracelete roubado” ou ainda “contra quem não quer devolver as vestes que tomou emprestado”.

3. *Amatoriae*, dirigidas contra um rival bem sucedido com o qual se disputa os favores da mulher amada, ou ainda para obter os favores do ser amado. Podem também ser contra a mulher e seu amante.

4. Contra *agitatores* e *venatores*. São muito comuns, tendo sido encontradas em Roma, Cartago e Adrumeto. São dirigidas contra os cocheiros (*agitatores*) das facções rivais; frequentemente foram feitas por um outro auriga que por efeito de magia quer reduzir o competidor à imobilidade, desejando-lhe um acidente mortal no dia das corridas no circo. O mesmo gênero tem como alvo também os gladiadores e *venatores* (os lutadores que enfrentavam as feras no circo).

Nas epígrafes transcritas a seguir ficam evidenciados os elementos que constituem a fórmula imprecatória.

ILS 8746; CIL X, 1604.

nomem delatum Naeviae L. l. Secunda seive ea alio nomine est.

Esta inscrição foi encontrada em Cumas numa lâmina de bronze originalmente dobrada e fechada por um fio. O verbo usado aqui é *defero*, que tem a acepção de “levar”, “trazer”, muitas vezes com a idéia acessória de “cima para baixo”. É, portanto, apresentado o nome de Névia, sendo especificado que ela é uma “liberta de Lúcio” (L. l.), e, para garantir contra qualquer dúvida, é acrescentado “ou qualquer outro nome que seja o dela”.

ILS 8748; CIL XI, 1823; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, Paris, 1904, n. 129. Arécio (Museo Archeologico).

Q. Letinium Lupum qui et vocatur Caucadio, qui est filius Sallusties Veneries sive Venerioses hunc ego aput vostrum

(no reverso) *numen demando, devoveo, desacrifico, uti vos Aquae ferventes, sive vos Ninfas sive quo alio nomine voltis adpellari, uti vos eum interemates interficiates intra annum tusm.*

A *defixio* cobre as duas faces de uma tableta de 12 cm de altura por 9 cm de largura, tendo sido encontrada junto a uma fonte em Poggio Bagnoli, nas vizinhanças de Arécio. O texto é constituído de um único período com o nome da vítima no acusativo, enquanto nas outras *defixiones* costuma estar no nominativo; é completada com a indicação do sobrenome e com o nome da mãe em duas versões. Os verbos indicando a maldição são em número de três (*demando, devoveo, desacrifico*)

e outros dois verbos significando “matar” (*interemates*, *interficiates*) são empregados, indicando a preocupação em reforçar o sentido; o mesmo cuidado com a precisão aparece ao citar o nome das divindades, que são as ninfas da fonte. É especificado que tudo deve ocorrer dentro de um ano. As letras finais (*tusm*) são ininteligíveis. O motivo pelo qual foi feita a *defixio* não é explicitado.

ILS 8751. Proveniente de Nomento.

Malcio Nicones oculos, manus, dicitos, bracias, uncis, capilo, caput, pedes, femus, venter, natis, umlicus, pectus, mamilas, collus, os, bucas, dentes, labias, mentus, oclus, fronte, supercili, scaplas, umerum, nervias, ossu., medulas, venter, mentula, crus, quastu, lucru, valetudines, defico in as tabelas

(no reverso) *Rufa Pulica manus, detes, oculos, bracia, venter, mamila, pectus, osu., medulas, venter, crus, os, pedes, frontes, uncis, dicitos, venter, umlicus, cunus, ulvas, ilae, Rufas Pulica defico in as tabelas.*

Esta epígrafe foi encontrada próximo a Nomento (Mentana), em uma urna cinerária, gravada nas duas faces de uma tableta com dois nomes de vítimas: Málcio Nicão e Rufa Pulica, sendo considerada pertencente ao gênero *amatoria*. A enumeração de órgãos e membros a serem atingidos é comum em *tabellae*, sendo encontrada em outras como em CIL X, 8249, uma inscrição recuperada próximo a Minturnas, uma cidade do Lácio, no rio Lírís, dedicada aos *dii inferi*, atravessada por um prego e colocada sob o crânio de um morto.

ILS 8752

1. *denuntio personis infra scribitis Lentino et Tasgilo, ut adsin ad Plutonem – quomodo hic catellus nemini nocuit, sic que olosicod ma nec illi hanc litem vincere possint; quomodi nec mater huius catelli defendere potuit, sic nec advocati eorum eos defendere non possint; sic ilos inimicos – atracatetractigallara precata egdarata hehes celata mentis ablata – et at Proserpinam hinc abeant – 2. aversos ab hac lite esse; quomodi hic catellus aversus nec surgere potesti, sic nec illi; sic traspecti sint quomodi ille. Quomodi in hoc monimont. animalia ommutuerun nec surgere possun, nec illi mutant. Atracatetractigallara precata egdarata he hes celata mentis ablata.*

Encontrada próximo a Chagnon, em território dos Sântones, na Aquitânia, gravada em duas

lâminas de chumbo. É um exemplar de *tabella* judiciária, contra Lentino e Tasgilo, envolvidos em um processo (*lites*), de modo que os seus advogados não possam defendê-los; para que isso ocorra, o autor da *defixio* os entrega a Plutão e Prosérpina; por engano o nome desta última foi omitido, sendo inserido depois, no final da texto da inscrição 1. Há várias outras peculiaridades a serem observadas: a primeira é o uso logo no início da inscrição de expressões que lembram linguagem própria de documentos legais, como “as pessoas abaixo mencionadas”; outra é a presença de palavras mágicas. Finalmente, a referência ao animal, “*catellus*”, que está “*aversus*”, isto é, voltado para o outro lado e imobilizado; do mesmo modo, os adversários na lite judicial não poderão levantar-se.

ILS 8753; A. Audollent, *Defixionum Tabellae*, n. 286. Proveniente de Adrumeto.

adiuro te demon quicunque es et demando tibi ex and ora ex anc die ex oc momento, ut equos prasini et albi crucies ocidas, et agitatore Clarum et Fellice et Primullum et Romanum ocidas collida, neque spiritum illis lerinquas; adiuro te per eum qui te resolvit temporibus deum pelagicum aerium. Iaw Iasdaw ooriw ahia.

(no reverso) *Noctivagus Tiberis Oceanus.*

Inscrição em ambas as faces de uma tableta de 11 cm por 8-9 cm, datada do século III A.D., encontrada na sepultura de uma criança em Adrumeto, na África do Norte; hoje encontra-se no Louvre.

Esta *defixio* é contra os *agitatores*, ou seja, os cocheiros Claro, Félix, Prímulo e Romano; como Dessau observa, nenhuma espécie de homem foi mais atacado nas *tabellae* do que os aurigas. A fórmula invoca um demônio, qualquer que seja ele, para que mate os cavalos das facções verde e branca; os verbos empregados são *crucies* e *ocidas*. Contra os cocheiros os verbos são *ocidas* e *collida*, acrescentando-se “que não reste vida neles”. Há vários erros na escrita; um deles foi escrever *lerinquas* por *relinquas* e *collida* por *collidas*. Há menção do deus do mar e do céu (ar), cujo nome vem em grego, seguido de vogais a, e, i, a. No reverso, há a figura de um demônio barbudo com uma espécie de crista na cabeça; na mão direita segura um vaso munido de alça e na esquerda um candelabro com uma lucerna ou incenso; está de pé sobre uma barca. Ao lado, palavras mágicas com sentido desco-

nhecido; sobre seu peito lê-se o nome Baitmo Arbitto (o seu nome?); na barca, os nomes latinos *Noctivagus*, *Tiberis*, *Oceanus*, que segundo Audollent seriam os nomes dos cavalos que disputavam as corridas no circo (Fig. 1). É possível observar o furo por onde passava o prego pelo qual a tableta era suspensa. As corridas representavam um dos mais populares esportes no mundo romano e nada mais compreensível que os aficionados recorressem a estes meios para garantir a vitória; existiam quatro facções representadas pelas cores (vermelha, branca,



Fig. 1 – ILS 8753; Audollent, A. n. 286. Lafaye, G. s.v. “Tabella”. E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, p. 4, fig. 6717.

verde, azul). A tableta deve ter sido feita por um torcedor entregando os oponentes – cocheiros e cavalos – a um demônio anônimo.

ILS 8754; CIL VIII, 12504; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, n. 233. Proveniente de Cartago. ...renalius, Venator, Exsuperus, Augur, Volens, Sidereus, Atonitus, Beronica, Chrysiphus (à direita) *Sidereus* (e outros dezoito nomes)

(Embaixo) *Excito te demon qui ic conversans, trado tibi os equos ut deteneas illos et implificentur nec se movere possint.*

Também referente a corridas no circo, esta *tabellae* de 32 cm por 17 cm foi encontrada em um dos sepulcros da “família” dos escravos e libertos imperiais na África, em Cartago. É acompanhada de um desenho representando a imagem do circo, com os cárceres de onde partiam os cavalos nas corridas. Ao todo vinte e oito cavalos, cujos nomes são escritos, são entregues ao demônio, que é invocado, para que este os detenha, para que fiquem embaraçados e não possam se mover. Letras gregas são colocadas em coluna nas margens esquerda, superior e direita; acompanhando a inscrição há ainda termos mágicos incompreensíveis (Fig. 2).



Fig. 2 – ILS 8754; Audollent, A. n. 233; CIL VIII, 12504.

ILS 8755; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, n. 247. Proveniente de Cartago.

...occidite exterminate vulnerate Gallicu, quen peperit Prima, in ista ora in ampiteatri corona..... obliga illi pedes membra sensus medulla; obliga Gallicu, quen peperit Prima, ut neque ursu neque tauru singulis plagis occidat neque binis plagis occidat neque ternis plagis occidat tauru ursu; per nomen dei vivi omnipotentis ut perficeatis; iam iam; cito cito; allidat illu ursus et vulneret illu.

Pouco mais de cem tabletas foram escavadas nos sepulcros e no anfiteatro de Cartago, no local para onde os cadáveres dos gladiadores mortos eram removidos, ou sob os ossos semicremados em urnas cinerárias. Esta tableta de chumbo também é proveniente da África, tendo sido encontrada neste anfiteatro de Cartago e refere-se a um *bestiarius*, um gladiador que combate contra as feras no anfiteatro. Falta o início da inscrição, onde sem dúvida alguma divindade é invocada para que “mate, destrua, fira Gálico, filho de Prima”; o habitual uso de vários verbos (*occidite*, *exterminate*, *vulnerate*) é complementado com o desejo de que sejam atados seus pés, membros, sentidos, entranhas, “para que não mate nem urso nem touro”. São invocados os deuses vivos e onipotentes, “já e depressa”, para que seja ferido pelo urso.

Um aspecto facilmente observável em todas estas inscrições é a presença da língua latina não culta, repleta de incorreções. Diferentemente da epigrafia oficial ligada aos centros do poder, estas não representam o produto do trabalho de lapicidas bem treinados. Talvez existissem especialistas (Graf, 1995: 143-144) a quem se podia recorrer para escrever uma fórmula de

maldição, mas muitas devem ter sido redigidas pelo próprio interessado. De todo modo, elas revelam aspectos culturais e religiosos de meios sociais distantes das elites. Constituem uma fonte para o conhecimento de usos linguísticos fora das normas cultas, testemunhando a linguagem corrente. Confirmam a hipótese de que a utilização da escrita era mais ampla em meios populares do que geralmente se costuma admitir.

É possível inferir ainda que determinadas crenças estavam amplamente difundidas, sendo compartilhadas por indivíduos de diversos níveis sociais. Se em Lívio é apresentado um cônsul ilustre que antes de uma batalha pronuncia uma invocação mágica, se em Tácito encontramos os vestígios de processos políticos contra indivíduos próximos ao poder, já as tabletas revelam o cotidiano do homem romano antigo: o torcedor de corridas no circo preocupado com a vitória deste cavalo ou daquele auriga, o litigante às vésperas de um processo ou um amante interessado numa conquista amorosa. Se as inscrições oficiais são dedicadas a *Iuppiter Optimus Maximus* e a outros deuses semelhantes, as *tabellae* mencionam as divindades ctônias e entidades próprias ao mundo subterrâneo, revelando um complexo conjunto de crenças.

Negligenciadas durante longos anos, estão agora merecendo a atenção de historiadores preocupados com novas abordagens da cultura antiga. As inúmeras tabletas já publicadas, acrescidas das que ainda poderão ser descobertas em novos achados nas áreas que foram romanas, constituem testemunhos que interessam a historiadores e a especialistas de outras disciplinas; afinal representam sobrevivências de crenças que permaneceram até a atualidade.

CORASSIN, M.L. An epigraphic contribution to the study of the magic action: the *tabellae defixionum*. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 223-231, 1996.

ABSTRACT: This article studies some Latin inscriptions called *tabellae defixionum* in the Ancient Roman world. Historians like Livy and Tacitus mention curse rituals and the epigraphic sources demonstrate their diffusion among different social levels.

UNITERMS: Latin inscriptions – *Tabellae defixionum* – Roman society – Magic.

Referências bibliográficas

- ANNEQUIN, J.
1973 *Recherches sur l'action magique et ses représentations*. Paris, Belles Lettres.
- AUDOLLENT, A.
1904 *Defixionum tabellae*. Paris, Albert Fontemoing.
- BOUCHÉ-LECLERCQ, A.
1892 s.v. "Devotio". Ch. Daremberg; E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, Vol. II, 1^{ère} partie. Paris, Librairie Hachette.
- CALABILIMENTANI, I.
1974 *Epigrafia latina*. Milano, Cisalpino-Goliardica.
- CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM (CIL)
1863 Berolini, Academiae litterarum Borussicae.
- DESSAU, H.
1906 *Inscriptiones Latinae Selectae*. Berolini, Weidmannos.
- GRAF, F.
1995 *La magia nel mondo antico*. Roma, Bari, Laterza.
- LAFAYE, G.
s/d s.v. "Tabella". E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*. Vol. V. Paris, Librairie Hachette.
- LUCK, G.
1987 *Arcana mundi. Magic and the occult in the Greek and Roman worlds*. Crucible.

Recebido para publicação em 18 de agosto de 1996.